

A morte do Caixeiro-Viajante

Paulo Gadelha
Desembargador Federal do
TRF da 5ª Região

Em fevereiro último, mais precisamente no dia 12, em Roxbury, Connecticut, morreu Arthur Miller, o mais popular, o mais tecnicamente estudado pela consciência universitária norte-americana e, igualmente, o mais identificado autor com o estilo estadunidense de viver.

Revolucionou a arte cênica mundial, quando, em 1949, escreveu a peça – *A Morte do Caixeiro-Viajante* – a mais soberba, ferina e ousada crítica ao sonho de crescer economicamente, dentro do breviário capitalista de sucesso.

O drama – lembrem-se muitos – tem como emblema Willy Loman, aspirante a rico, que, embalado pela rapidez com que se gerava riqueza, nos Estados Unidos, parte com muita sede ao pote, na inabalável convicção de que o sucesso, a fama e o dinheiro chegariam logo.

As oscilações do mercado, fenômeno típico da chamada economia financeira, afetaram o projeto de Willy Loman, levando-o à bancarrota e, por último, forçando-o ao suicídio, para que sua família ficasse com o dinheiro a ser pago pela seguradora.

Sempre deu ao seu teatro um discurso contestador.

A sua inquietação intelectual fez história, posta de forma diáfana nos textos que produziu.

Assim, por exemplo, em *Eram Todos Meus Filhos*, denunciou da forma mais cáustica, em plena 2ª Grande Guerra, o mercantilismo que, na sua ótica, existia no envolvimento da indústria bélica, querendo manter, a todo custo, o conflito, pensando no faturamento.

O seu relacionamento com a estonteante Marilyn Monroe, a fatídica musa, que também, poucos anos depois, balançou os alicerces morais da Casa Branca, foi ato para o palco e cena para a polícia.

E ele o descreveu de forma aberta na peça – “Depois da Queda”.

A sua vida com a loira fatal foi para o teatro. Fatalmente.

Os americanos e o mundo ficaram sabendo de tudo.

Para ele, a arte não imitava a vida. Para Miller, a vida já era a própria arte.

E ele o confirma, quando sentenciou: “A vida não tem forma – conecta-se por lapso de tempo, acontecimentos simultâneos em lugares separados, hiatos de memórias. O melhor teatro é um experimento dessas tensões”.

Como se vê, a sua vida foi, inquestionavelmente, um grande e obscuro teatro.

Um drama que o imortalizou.